

A HERANÇA POLÍTICA DE SILVIANO SANTIAGO

Carlos Magno Gomes*

Resumo: Este artigo apresenta um estudo comparativo entre o pensamento ensaístico de Silviano Santiago e os conceitos de *arquivo* e *herança*, de Jacques Derrida. Metodologicamente, analisaremos como o pesquisador brasileiro incorpora essas categorias aos ensaios teóricos “O entre-lugar do discurso latino-americano” e “Uma literatura anfíbia”. No primeiro momento, comentamos o descentramento do pensamento de Derrida; no segundo, analisaremos a proposta de ruptura do processo de dependência cultural de Santiago, que reconhece a violência da colonização como um mal de arquivo do processo de formação da identidade brasileira e os marginalizados como uma herança enlutada do escritor brasileiro.

Palavras-chave: Colonização. Crítica literária. Silviano Santiago.

INTRODUÇÃO

■ **E**ste artigo traz uma abordagem comparativa do pensamento crítico de Silviano Santiago a partir de algumas categorias filosóficas propostas por Jacques Derrida, que descentram os conceitos de texto e de escritor. O ensaísta brasileiro tem uma obra respaldada por abordagens literárias questionadoras dos valores hegemônicos e desnudados pelas ruínas do poder, que expõem nossas heranças como partes do “mal de arquivo” (DERRIDA, 2001, p. 24). Nesse duplo movimento, desnudando e questionando a tradição herdada, Santiago abre espaço para os *suplementos* da história, em seus ensaios, como uma forma de revisão e de autonomia do crítico literário engajado¹.

* Universidade Federal de Sergipe (UFS/CNPq), Itabaiana, SE, Brasil. E-mail: calmag@bol.com.br

¹ Esta pesquisa é financiada pelo CNPq e está relacionada à área dos estudos comparados. Para este artigo, trazemos um recorte da abordagem teórica que explora a violência como um suplemento que pulsa no texto literário.

Esse método é fundamentado pelo deslocamento de conceitos hegemônicos impostos como originalidade e superioridade na relação entre as literaturas periféricas e o sistema de colonização. Tal perspectiva teórica tem como um de seus expoentes a proposta de desconstrução de Jacques Derrida, fundamentada por uma concepção filosófica de ataque aos valores centrais e sistêmicos a partir da flexibilidade do conceito de *différance*, que nos sugere o descentramento dos valores universais tendo como horizonte crítico a “desaparição da presença originária” e a “impossibilidade da verdade” (DERRIDA, 1997, p. 121). Essa forma de pensar nos remete ao “adiamento” e ao “espaçamento” dos sentidos e traz uma perspectiva renovadora para o projeto antropofágico brasileiro, pois dá sustentação a um lugar de resistência e rebeldia estética e crítica proposta pela obra ensaística de Silviano Santiago.

Tal postura revisionista pode ser identificada em dois ensaios: “O entre-lugar do discurso latino-americano”, de 1971, que destaca a importância da ruptura com o processo de dependência cultural, valorizando a resistência do discurso latino-americano; e “Uma literatura anfíbia”, de 2002, que ressalta a herança dos marginalizados como uma abordagem política inadiável para o escritor brasileiro. Nesses dois textos temos uma prática de interpretação que explora o movimento da linguagem de dentro para fora, identificando os fantasmas históricos que rondam o artista periférico e propondo a ruptura com a ideia de dependência cultural.

Por essa perspectiva, reconhecemos que Silviano Santiago (2000, p. 17) propôs o descentramento da crítica literária brasileira ao sugerir a ruptura com a crítica estruturalista que estava embasada em um “método reacionário cuja única originalidade é o estudo das influências e fontes”. Ao propor esse questionamento da dependência cultural, o crítico brasileiro retoma reflexões sobre os estudos comparados por uma perspectiva política. Além disso, sua proposta de superação dos polos dicotômicos vai além da exploração mecânica de conceitos importados, pois os problemas e as tensões locais são incorporados ao processo de interpretação da dependência cultural. Isso fica mais evidente quando retomamos os conceitos de *suplemento* e *arquivo*, que estruturam sua obra ensaística.

Nesse contexto, Silviano Santiago faz parte de um grupo de críticos literários e culturais que se filiam a proposta de “desconstrução”, que procura “responder por uma herança, num momento da história em que grandes obras já estavam elaboradas e presentes no campo da filosofia” (DERRIDA, 2004, p. 15). Tal movimento de leitura e de reescrita revisionista dá sustentação a uma crítica literária preocupada em atualizar os sentidos dos arquivos coletivos herdados de um processo civilizatório opressor e violento que faz parte do projeto de colonização.

Para os estudos comparados, esses arquivos coletivos estão relacionados à memória da literatura, que pode ser explorada pelas práticas intertextuais de comparação que religam a cadeia de textos ao mundo (SAMOYAL, 2008, p. 45). Entre os arquivos que sedimentam a prática crítica de Santiago, os intertextos políticos não podem ser deixados de lado, pois são parte do projeto artístico brasileiro. Essa postura comparativa de explorar o intertexto político como partes dos arquivos literários amplia a capacidade de interpretação da crítica brasileira voltada para o debate acerca da identidade nacional.

Sabemos que esse método é desafiante, visto que a complexidade dos arquivos históricos demanda uma postura interpretativa que desmascara a ética civilizatória. Tal particularidade faz parte do trabalho de um escavador de relíquias

da barbárie, pois se consolida à medida que a interpretação do arquivo relativiza o peso dos símbolos da conquista, valorizando os gritos dos sacrificados. Tal ambiguidade expõe os percalços do processo de escavação da memória de um povo, pois demanda posturas ideológicas e deslocamentos de significantes.

Nesse caso, a memória do texto nos remete tanto às intertextualidades internas, estéticas quanto às externas, os conflitos políticos e sociais, por meio de

[...] *uma poética inseparável de uma hermenêutica: trata-se de ver e de compreender do que ela procede, sem separar esse aspecto das modalidades concretas de sua inscrição* (SAMOYAULT, 2008, p. 47).

Particularmente, na obra ensaística de Santiago, esse processo se dá por meio da releitura do passado de um lugar da independência cultural e de valorização do processo antropofágico, que, historicamente, adequa valores importados à identidade de resistência por meio da valorização do lugar de fala do escritor.

A seguir, apresentamos algumas reflexões acerca dos conceitos centrais do pensamento de Derrida, aproximando-os das estratégias interpretativas de Santiago.

O FANTASMA DO SUPLEMENTO

Neste tópico, vamos propor aproximações entre os principais conceitos da obra de Derrida e o projeto antropofágico de Silviano Santiago com: *escritura, suplemento, rastro, herança, mal de arquivo*². Partimos do conceito de escrita/escritura, como um movimento duplo que tanto revela sentidos como envenena interpretações. Para esse debate, Derrida retoma o conceito de *pharmakón*, de Platão. A cena da escrita do filósofo grego é identificada como uma cena de traição, visto que a escrita é um ato de perversão, pois deve ser entendida como um parricídio, isto é, um filho que mata o pai por ser “um filho desviado e revoltado”, portanto “um filho perdido” (DERRIDA, 1997, p. 97). Essa cena da autonomia do filho revoltado pode ser identificada no processo de rebeldia que Santiago propõe como originalidade do escritor latino-americano ao explicitar a ruptura com o processo colonizador.

Além de ser portadora dessa consciência trágica, a escrita é carregada de *suplementos*, que devem ser retomados no processo de leitura crítica, deslocando as verdades estruturais. O *suplemento* é considerado um “terceiro estágio” do signo, pois pede um movimento de leitura que tanto explora os antecedentes sociais do texto como traz uma carga de significação capaz de superá-los. A carga suplementar é exposta por um processo de adição de um significante, que tanto substitui como supre uma falta, assinalando uma brecha para o excesso do significado (DERRIDA, 1999). Nesse movimento de revisão, a conexão com os *suplementos* da escrita é fundamental para a agenda crítica de Santiago.

Por exemplo, essa conexão é feita por Santiago ao destacar, no ensaio “o entre-lugar”, que a violência da dependência cultural não pode ficar de fora do discurso interpretativo, e ao ressaltar, em “literatura anfíbia”, que a exclusão social dos analfabetos não pode ficar de fora do discurso de um escritor consciente do seu lugar de fala. Logo, a antropofagia é uma forma de superação do

2 No artigo “Gramatologia da crítica cultural”, apresentamos um estudo comparado dos conceitos de Derrida a partir da crítica cultural de Stuart Hall, Homi Bhabha e Silviano Santiago (GOMES, 2015).

processo de dependência cultural, pois projeta um olhar de revisão do passado, adicionando-lhe os interesses do colonizado. Esse *locus* da produção é um dispositivo que adiciona novos sentidos aos arquivos históricos.

Entre a cadeia suplementar e o texto, o crítico brasileiro segue os rastros dos fantasmas que assombram a história do continente americano sem cerimônia, expondo a perversidade como parte da literatura. A exposição dos diversos crimes incluem os rastros dos sacrifícios dos indígenas. Assim, incluímos o conceito de *rastro* como uma herança da gramatologia de Derrida presente nos argumentos de Santiago. Essa categoria desloca diversas argumentações centradas na superioridade do colonizador, pois opta pelas pistas da violência imposta aos latino-americanos. Nesse movimento, o *rastro* se opõe à lógica da originalidade plena, que é fragmentada pelo movimento da escrita como inseparavelmente inscrição e intervalo, resíduo e diferença (DERRIDA, 1999, p. 39).

Assim, de forma impactante, Santiago ressignifica a violência como um referencial da agenda crítica. Esse fantasma nem sempre é visível para todos, mas ele pulsa na produção literária, pois é anunciado pela exterioridade do signo, que é visto como um representante que afeta e infecta o texto (DERRIDA, 1997, p. 80). Ao explorar o prognóstico de que um signo infecta a escritura, Derrida abre o texto para a pulsão do mal que vem de fora. A identificação dessa pulsão é um dos recursos ideológicos que dão vitalidade à obra ensaística de Santiago.

Seguindo esse rastro de sua ensaística, nos deparamos com os fantasmas que perseguem o escritor latino-americano. Esse conceito de fantasma é debatido com profundidade por Derrida em *Espectros de Marx*, que reavalia a coleção de fantasmas que rondam a humanidade e ressalta que somos herdeiros e, se herdamos, somos testemunhas dessa herança “que nos permite dar testemunho” (DERRIDA, 1994, p. 79). Tal herança, portanto, não pode ser adiada, ela é urgente e está aí para ser retomada como significantes de nossos arquivos coletivos. Por ser fantasmagórica, a herança de que nos fala Derrida (1994, p. 196) sugere que há sempre uma aparição-sobrevivente que obedece à temporalidade do seu retorno.

Essa aparição do fantasma traz uma sofisticada metáfora do quanto a violência cultural é um *arquivo* que faz parte da coleção literária da América Latina. Como princípio do arquivo, Derrida (2001, p. 17) destaca que ele é instituído de “uma filtragem, uma escolha, uma estratégia”. Peculiarmente, o *arquivo* é um espaço de enunciação ambíguo, pois, ao mesmo tempo que tem uma concepção domiciliar, que sustenta seu valor, ele não consegue subtrair a violência que o produziu, posto que não esconde a opressão, nem o fato de nascer da “obtenção consensual de domicílio” (DERRIDA, 2001, p. 13). No duplo movimento de domicílio e de ruínas, esse conceito está articulado pelo reconhecimento dos fantasmas que o colonizador deixou como herança da barbárie.

Nas articulações do crítico brasileiro, a exploração da violência como um *arquivo* inadiável consolida uma postura crítica engajada com a revisão do processo colonizador. Essa postura está presente nos ensaios destacados nesta análise, que abarcam o silêncio como uma força do arquivo, pois ele traz a digital da opressão seja pela exposição, seja pelo rastro dessa omissão. Essa carga suplementar é retomada por Santiago para dar sustentação aos seus argumentos centrais que explicitam o silêncio da violência em oposição à valorização das fontes e das influências em nossos estudos da dependência cultural e, sobretudo, quando silenciemos os analfabetos marginalizados da história do Brasil.

A priorizar o “mal do arquivo”, Santiago mais uma vez dialoga com a proposta interpretativa de Derrida que afirma que esse mal é parte do movimento do próprio arquivo que relata a preservação de um fato, quando é conservador, mas que carrega a pulsão do mal quando é revolucionário (DERRIDA, 2001, p. 17). Nesse processo interpretativo, não podemos deixar de aproximar as ideias de *herança* e de *luto*, visto que o luto é uma herança coletiva e o *arquivo* vai testemunhar esse luto dos quais “somos herdeiros, e herdeiros enlutados, como todos os herdeiros” (DERRIDA, 1994, p. 78).

Estrategicamente, as categorias *fantasma* e *mal do arquivo* andam juntas quando articulamos a obra literária como produto de um processo histórico, levando em conta sua relação com o dentro e o fora, posto que o princípio do arquivo “capitaliza tudo, incluindo aquilo que o arruína ou contesta radicalmente seu poder” (DERRIDA, 2001, p. 24). Por meio do duplo movimento, o *arquivo* nos remete a seus *suplementos* e *rastros*, abrindo uma perspectiva de leitura para além da fonte histórica hegemônica, pois nos convida a pensar no poder e suas ruínas. Tal perspectiva está presente na revisão da matéria da literatura para o escritor brasileiro em “literatura anfíbia”, que desconstrói a ideia de exaltação dos vencedores para sugerir a força do silêncio dos marginalizados como a matéria do escritor engajado.

Diante das ambiguidades do *arquivo*, o texto literário abre diversos leques interpretativos, fragmentando ícones, símbolos e metáforas da narrativa hegemônica. Essa abertura para a revisão do passado é fundamental para uma crítica de resistência que nos remete ao luto, visto que

[...] a herança não é jamais dada, é sempre uma tarefa. Permanece diante de nós, tão incontestavelmente que, antes mesmo de querê-la ou recusá-la, somos herdeiros (DERRIDA, 1994, p. 78).

Esse luto é um luto de consciência, que é transformado em pulsão e está presente nos dois ensaios de Silviano de Santiago, como veremos a seguir.

A HERANÇA POLÍTICA

Antes de partirmos para a retomada dos ensaios de Santiago, cabe uma reflexão sobre a fragmentação do conceito de literatura, incorporado pelos estudos comparados. Por tal perspectiva, a literatura é vista como um gênero heterogêneo e composto por uma variedade de textos atrelados a discursos distintos sem se limitar aos gêneros estéticos tradicionalmente reconhecidos como literários. Essa fragmentação é fundamental para entendermos o campo literário como um espaço plural de manifestações culturais e paradigmas flexíveis referentes à “tradição, texto, leitura, gosto e valor”, instituídos academicamente (SCHMIDT, 2010, p. 175). Com a ampliação desse campo, a literatura latino-americana passou a ser vista “como uma entre as muitas expressões da afirmação política de cada grupo que compõe o mosaico étnico, cultural, social e linguístico do continente” (COUTINHO, 2013, p. 27-28).

Silviano Santiago é um dos críticos responsáveis pela ampliação do campo da literatura latino-americana em seu ensaio pioneiro “O entre-lugar do discurso latino-americano”, pois apresenta uma escrita particular que desafia o leitor a se deslocar e confundir as fronteiras das heranças literárias com as históricas, quando projeta uma postura de resistência diante da violência da colonização.

Tal produção crítica é pautada pela exploração de conceitos que problematizam as ruínas dos arquivos históricos. Portanto, sua proposta interpretativa dialoga com a tradição filosófica de Derrida, quando valoriza a crítica literária como uma reescrita do passado.

Particularmente, a obra ensaística de Silviano Santiago é marcada pela herança antropofágica brasileira, que rompe com a ideia de inferioridade e de dependência cultural da América Latina em relação ao processo de colonização. Ele opta pela valorização da criatividade como uma opção de liberdade. A partir do deslocamento dos significantes culturais, Santiago (2000, p. 19), no ensaio “O entre-lugar” destaca que o crítico deve se preparar para questionar a tradição e buscar uma resposta ao processo de colonização, opondo-se à submissão da recepção passiva. Para ele, o questionamento é uma forma de resistência.

Eneida Cunha (2008, p. 9) reconhece essa postura do teórico brasileiro e ressalta sua preocupação com questões históricas: “A arte política de Silviano Santiago tem dicção múltipla e escuta com atenção, como ele próprio declara, o espectro hamletiano”. Essa “dicção múltipla” é extensa e vai de seus trabalhos ensaísticos a sua robusta produção de escritor. No ensaio sobre a valorização do “entre-lugar”, identificamos sua condição de herdeiro dos conflitos próprios da periferia. Com tal consciência, Santiago assume a postura do “herdeiro enlutado” desse processo que requer novos deslocamentos para reescrever sua história a partir do reconhecimento da violência do colonizador.

Tal postura política do “entre-lugar” pode ser identificada no teor agressivo dos críticos da América Latina, responsáveis pela “destruição sistemática dos conceitos de unidade e pureza” (SANTIAGO, 2000, p. 16). Ao romper com a submissão ao padrão do colonizador, essa perspectiva interpretativa deixa em aberto a cadeia suplementar do texto literário, rompendo com a dependência e promovendo a antropofagia como uma prática de produção de sentidos, que fortalece o lugar de fala local.

Neste ensaio, o crítico brasileiro parte da noção de leitura-escritura desenvolvida pelo pensamento pós-estruturalista, em particular pelo conceito do texto *escrivível*, de Barthes, que ressalta a importância da “segunda leitura” como uma recriação do texto original. Nesse processo, Santiago (2000, p. 20) ressalta que “o leitor, transformado em autor, tenta surpreender o modelo original”, rearticulando-o segundo sua ideologia e intenções. Em particular, o escritor latino-americano deve estar preocupado com a identificação do mal do arquivo, isto é, os signos da padronização e valorização da repetição do discurso do colonizador.

Tal posicionamento crítico desnuda os fantasmas da barbárie que passam a funcionar como superfícies suplementares de “significações substitutivas” (DERRIDA, 1999, p. 194-195). Esse posicionamento fica exposto quando Santiago articula a rebeldia como um ato de originalidade do escritor latino-americano, pois, vivendo a “assimilação do modelo original” entre o amor e o respeito, tem “a necessidade de produzir um novo texto que afronte o primeiro e muitas vezes o negue” (SANTIAGO, 2000, p. 21).

Essa postura radical ganha força quando Santiago (2000, p. 26) desloca o lugar dessa produção de conhecimento latino-americana, fortalecendo o lugar do escritor como de um devorador de texto, devendo se movimentar “entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão”. A força desse ensaio ecoa até os dias de hoje pela consistência com que o crítico

brasileiro dá ao “entre-lugar” como um espaço não só de rebeldia, mas de produção de novos paradigmas que rompem com a posição de submissão. Além disso, essa postura crítica de Santiago está relacionada ao respeito aos direitos humanos, abrindo o campo literário para outras vozes, promovendo “reflexão e crítica às formas de silenciamento e exploração do humano” (SCHMIDT, 2010, p. 184).

Essa oposição à dependência faz parte da postura artística de transgressão, que rompe com o modelo central, visto que “as leituras do escritor latino-americano não são nunca inocentes. Não poderiam nunca sê-lo” (SANTIAGO, 2000, p. 22). Portanto, a ruptura com as práticas hegemônicas reforça o lugar de potencialização da resistência crítica, valorizando o “ritual antropófago da literatura latino-americana” (SANTIAGO, 2000, p. 26). Assim, ao expor os melindres da violência, apontando o lugar da rebelião como uma saída, o crítico brasileiro atualiza os sentidos políticos de se fazer crítica literária e cultural no Brasil. Com tal ruptura, Santiago propõe um movimento genealógico, expandindo os métodos comparativos para uma convergência do local de produção dos sentidos.

Assim, identificamos um movimento interpretativo em Santiago que valoriza a “pulsão” do mal do arquivo, como nos orienta Derrida, visto que a literatura passa a debater a violência externa que faz parte de sua produção. Ao identificar o ato de criação como um ato de rebeldia, Santiago reforça a importância do deslocamento da originalidade, pois dá lugar “à significação mais exterior, a situação cultural, social e política em que se situa o segundo autor” (SANTIAGO, 2000, p. 24).

Essa postura crítica de trabalhar com arquivos que expõem seu mal é próprio de um crítico que não deixa escapar os fantasmas da história ao romper com a tradição comparatista de sua época que ressaltava as “fontes e influências” de um autor. Cabe assinalar, de forma breve, que essa postura vai além da proposta central do “entre-lugar”, pois está presente nos textos acerca da ditadura militar no Brasil, quando defende a produção intelectual como local de resistência. Essa produção pode ser fora dos gêneros consagrados como os textos literários que vão fragmentar o *status* da literatura para manifestar uma posição de insatisfação com o sistema.

Por exemplo, nos anos da Ditadura Militar, Santiago reconhece que a literatura é sustentada por uma “anarquia formal” e a mescla de intimismo com configurações autobiográficas como próprias de uma literatura de resistência (SANTIAGO, 2002, p. 34). Mesmo com essa tendência memorialista, Santiago reconhece que o escritor brasileiro não se desliga de seu vínculo com a história. No contexto brasileiro da segunda metade do século XX, em que as memórias da violência e as da censura se confundem, os arquivos da opressão podem ser identificados nos textos autobiográficos, nas narrativas particulares e nos documentários. Esse hibridismo de gêneros textuais fortalece o descentramento da literatura que passa a valorizar textos memorialistas e “prefere se insinuar como rachaduras em concreto, com voz baixa e divertida, em tom menor e coloquial” (SANTIAGO, 2002, p. 21).

Tal posicionamento crítico dialoga com os princípios do descentramento da literatura pregada por Derrida, que explora a dinâmica do rastro para problematizar a relação do signo com seu referente ou com o que está fora dele. Nesse processo de significação, o rastro se opõe à lógica do retorno a uma origem simples e plena, pois a exterioridade do signo afeta e contamina o significante de forma imprevisível (DERRIDA, 1997, p. 80). Ora, ao retomar essa relação entre

o dentro e o fora do texto, Santiago deixa brechas para uma crítica literária para além do jogo textual, abrindo espaço para a pulsão do mal que irrompe dentro do texto por meio das “rachaduras” que o texto literário expõe do mal do arquivo (DERRIDA, 2001).

No rumo da fragmentação do texto literário e da valorização da carga suplementar da literatura, Santiago retoma os conceitos centrais do ensaio do “entre-lugar” ao propor a particularidade da dupla face da literatura brasileira: política e arte no texto “Uma literatura anfíbia”. Ao retomar o debate político da literatura, Santiago explora a ideia de povo como um fantasma que preocupa o escritor engajado com as desigualdades sociais. Esse compromisso da Literatura Brasileira em representar os miseráveis ao mesmo tempo que articula uma forma estética sofisticada foi definido por Santiago como próprio de uma literatura anfíbia, em que o escritor brasileiro articula o questionamento político por meio de estratégias de estilo. Assim, esse tipo de ficção faz parte de um “projeto da utopia” ou de uma “literatura anfíbia” na qual arte e política estão tensionadas de forma híbrida (SANTIAGO, 2004, p. 72).

Eneida Cunha (2008) aponta a relação teórica e ideológica entre esse ensaio sobre a “literatura anfíbia” com o pioneirismo do lugar de descentramento do “entre-lugar”. Em ambos, há uma preocupação do crítico com o contexto social e o envolvimento do escritor em fazer arte e política, concomitantemente. Na relação cronológica, o “entre-lugar” abre espaço para um conceito mais elaborado de “literatura anfíbia”, visto que esse segundo

[...] deve responder ao desafio da realidade socioeconômica e cultural brasileira, na qual o analfabetismo ou o escasso letramento de um segmento da população se casa com a força envolvente da mídia eletrônica (CUNHA, 2008, p. 8).

A preocupação de Santiago com os marginalizados reforça o envolvimento político do escritor que não deixa de lado seus conflitos históricos que lhe cercam:

[...] [os] melhores livros apontam para a Arte, ao observar os princípios individualizantes, libertadores e rigorosos da vanguarda estética europeia, e ao mesmo tempo apontam para a Política (SANTIAGO, 2004, p. 66).

Neste artigo, identificamos um ponto de vista acerca da desigualdade social como a “pulsão do mal” dos arquivos literários. Essa pulsa se manifesta na identificação dos escritores brasileiros com a luta de classes e o envolvimento com marginalizados economicamente. Para isso, Santiago explora a cadeia suplementar de uma sociedade de leitores pouco esclarecidos.

Ao apontar o caráter anfíbio dos bons livros da literatura brasileira, Santiago retoma seu ponto de vista acerca da rebeldia do escritor latino-americano, todavia agrega a consciência política como um movimento para além da “segunda leitura”, pois o fantasma do povo funciona como uma “pulsão do mal” da exterioridade literária. Seu compromisso ideológico com o fim das desigualdades sociais aponta a valorização da carga suplementar da literatura como um índice dessa pulsão que passa a ser trabalhada esteticamente na obra como uma resposta aos arquivos da barbárie, revelando-nos uma postura crítica que passa pela “consciência ética coletiva para a qual os saberes sobre as diferenças enquanto diferenças precisam convergir” (SCHMIDT, 2010, p. 184).

Tal postura é confirmada pelo resgate do povo como parte da nossa literatura. Essa preocupação faz parte da literatura do século XX que busca dar voz aos “miseráveis a fim de elevá-los à condição de seres humanos” (SANTIAGO, 2004, p. 66). Nesse processo, as releituras não podem ser inocentes, pois o mal que pulsa na obra nos coloca de cara com esses miseráveis, que também são heranças da violência da colonização. A estratégia agressiva que encontramos no “entre-lugar” é indispensável para uma releitura da colonização, assim como a denúncia da situação desumana dos analfabetos brasileiros são indispensáveis para a identificação política do escritor brasileiro. Essa postura crítica reconhece o espírito do povo como uma “aparição-sobrevivente” do escritor que não consegue fugir dessa herança, que obedece à temporalidade do seu retorno (DERRIDA, 1994, p. 196).

Assim, em o “entre-lugar”, Santiago valoriza a importância da consciência do lugar de fala do escritor por meio do processo antropofágico de recepção; já em a “literatura anfíbia”, essa consciência está condicionada a uma visão crítica maior sobre a história da exclusão social brasileira. Diante dessa barbárie, Santiago não abre mão de frisar que tal consciência é também de luto, pois como uma herança torna-se uma tarefa da qual o escritor brasileiro é um herdeiro enlutado. Esse ponto da argumentação de Santiago, mesmo que de forma indireta, retoma uma das premissas do pensamento de Derrida (1994, p. 78) quando aborda a violência e a barbárie como fantasmas da modernidade. Para o crítico brasileiro, o luto faz parte de seu trabalho, pois é suplementar aos arquivos da barbárie. O escritor é um herdeiro e, como tal, é um enlutado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale destacar que a proposta de revisão das heranças culturais de Silviano Santiago descentram o conceito de literatura canônica para ressaltar o debate em torno da ambiguidade do estético. Em seus ensaios, o texto literário deixa de ser exclusivamente “arte ou objeto estético” para ser explorado “como produção estético-cultural, matéria significante situada no domínio da cultura” (SCHMIDT, 2010, p. 174). O duplo movimento de sua análise reforça a necessidade de uma postura híbrida como saída para as tensões entre arte e política.

Portanto, essa concepção é própria de um fazer crítico empenhado com seu papel de intelectual. No artigo sobre a “literatura anfíbia”, Santiago retoma a ideia inicial do “entre-lugar”, ressaltando que “arte” e “política” não podem ser dissociadas na prática crítica, visto que, por uma postura política, o pesquisador não pode deixar de incluir em sua agenda a situação histórica das desigualdades sociais e deve avançar nas análises “da burguesia econômica nos seus desacerdos e injustiças seculares” (SANTIAGO, 2004, p. 66). Nesses textos, Santiago instiga a insubordinação e a mudança como tarefas inadiáveis para o escritor e o crítico brasileiro.

Ao levar em conta a preocupação anfíbia da literatura, que se desdobra enquanto arte e política, Santiago reconhece o papel intelectual do escritor, que deve estar preocupado não só com sua arte, mas também com seu vínculo social. Tal postura interpretativa é própria de uma abordagem metodológica que fragmenta as fronteiras do texto literário para reconhecer as “relações mútuas entre formas e produções literárias provenientes de fontes diversas e universos culturais distintos” (COUTINHO, 2013, p. 35).

Em síntese, as propostas teóricas de Santiago retomam o pensamento antropofágico do modernismo que questionava a identidade cultural nacional como sorridente e carnavalesca para explorar a violência e a desigualdade imposta pela modernização do país. Portanto, Santiago, ao incorporar algumas categorias do pensamento de Derrida, reforça a ideia da literatura como um arquivo, um jogo, próprios do universo das representações culturais. Essa estratégia alarga as fronteiras políticas da crítica literária e dinamiza a agenda de lutas do mundo contemporâneo. Esse compromisso manifesta-se nos dois ensaios comparados neste trabalho, destacando a necessidade de novas estratégias de interpretação cultural que devem primar pelo reconhecimento de outras vozes historicamente silenciadas.

THE POLITICAL HERITAGE BY SILVIANO SANTIAGO

Abstract: This article presents a comparative study between the essayistic thought of Silviano Santiago and the concepts of *archive* and *inheritance* by Jacques Derrida. Methodologically, we will analyze how the Brazilian researcher incorporates these categories in the articles “O entre-lugar do discurso latino-americano” (1971) and “Uma literatura anfíbia” (2002). In the first moment, we comment about the decentralization of Derrida’s thought; in the second, we will analyze the proposal of rupture of the process of cultural dependence by Santiago, who recognizes the violence of colonization as an archival evil of the Brazilian identity formation process, and the marginalized people as a bereaved heritage of the Brazilian writer.

Keywords: Colonization. Literature critics. Silviano Santiago.

REFERÊNCIAS

- COUTINHO, E. O conceito de “Literatura Nacional” e a crise da identidade na América Latina. In: LÚCIO, A. C. M.; MACIEL, D. A. V. (Org.). *Memórias da borboleta: reflexões em torno de regional*. Campina Grande: Abralic, 2013. p. 27-41.
- CUNHA, E. Apresentação: os entre-lugares de Silviano Santiago. In: CUNHA, E. *Leituras críticas sobre Silviano Santiago*. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.
- DERRIDA, J. Escolher sua herança. Entrevista dada a Elisabeth Roudinesco. In: DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. *De que amanhã... diálogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004. p. 9-31.
- DERRIDA, J. *Espectros de Marx*. Tradução Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- DERRIDA, J. *A farmácia de Platão*. 2. ed. Tradução Rogério Costa. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- DERRIDA, J. *Gramatologia*. 2. ed. Tradução Miriam Chnaiderman e Renato J. Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

GOMES, C. M. Gramatologia da crítica cultural. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 38, p. 278-291, 2015.

SAMOYAULT, T. *A intertextualidade: memória da literatura*. Tradução Sandra Nitrini. São Paulo: Hucitec, 2008.

SANTIAGO, S. Uma literatura anfíbia. In: SANTIAGO, S. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 9-26.

SANTIAGO, S. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHMIDT, R. T. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. In: DALCASTAGNÊ, R.; LEAL, V. M. V. (Org.). *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2010. p. 174-187.

Recebido em junho de 2017.

Aprovado em abril de 2018.